

## IGREJA X EDUCAÇÃO: O PAPEL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES NA FORMAÇÃO DA ELITE FEMININA

*Catholic school x education - The role of "Nossa Senhora de Lourdes" school in the Development of the female elite in Aracaju (in Sergipe)*

Miguel André Berger

### RESUMO

O presente estudo resgata a trajetória e os objetivos, as diretrizes administrativas e pedagógicas norteadoras do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, um dos principais redutos da Educação da elite feminina em Sergipe, fundado em 1904. Este colégio, mantido pela Igreja Católica, constituiu um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino, visando à formação da mulher das classes dominantes em Sergipe. A igreja católica procurava, via ensino, retomar o poder e moldar consciências, favorecendo a formação de uma mulher dócil, meiga e devotada para cumprir suas funções de esposa e mãe, de acordo com o perfil que a sociedade daquela época mantinha em relação ao sexo feminino. O estudo revelou o desenvolvimento de uma prática pedagógica e avaliativa, pautada nos moldes do ensino tradicional, a participação das alunas nas atividades didáticas, nas festas religiosas e cívicas, bem como as formas de resistência ao sistema de controle ao qual estavam submetidas para preservação do ideário católico conservador.

**Palavras chaves:** colégio católico; História da Educação; educação feminina.

### ABSTRACT

This present study retrieves the history of the creation, development, objectives, pedagogical and administrative guidelines at "Nossa Senhora de Lourdes" school, an institution maintained by the Catholic Church, founded in 1904 and considered one of the most traditional places of education for the female elite in Sergipe. The Catholic Church aimed, by means of education, to restore the power and mould characters and attitudes in women to favour the development of sensible, polite, gentle and devoted women, who would assume their roles as mothers and wives, according to the profile required by the church and society of that time. The study revealed the development of a pedagogical and evaluative practice through traditional teaching, the practice of the students as teachers as well as their participation in religious celebrations and civic dates and also their resistance against the control system to which they were submitted in order to preserve the Catholic conservative ideal.

**Key words:** Catholic School; The history of Education; female education.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor de Pesquisa em Educação e Avaliação Educacional no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Contatos: npged@ufs.br

## Introdução

Analisando a situação educacional da população brasileira, quando do início do período Republicano, Nunes (1984) coloca ser esta composta por 75% de analfabetos, enquanto que, em Sergipe, este índice girava em torno de 58,2%. Em 1905, Sergipe atendia 1,55% da população nas escolas públicas primárias.

Nessa época existiam poucos colégios voltados para o ensino secundário, mais sob o controle da igreja ou da iniciativa particular do que do Estado. Esses foram surgindo atendendo mais à população masculina do que à feminina, já que a mulher tinha uma vida restrita ao ambiente doméstico. Esta tinha poucos privilégios, sendo que sua educação se fazia mais nos conventos. O convento era a única alternativa para as mulheres que quisessem estudar, ou se esquivar dos pais ou maridos indesejáveis. (Ribeiro, 2000)

Novais (1984, p.19) coloca que as oportunidades de educação feminina eram muito restritas, pois "*até 1811 existiam cinco conventos no Brasil, localizados, um na Bahia, dois no Rio de Janeiro e dois em São Paulo*". Nos atuais estados das regiões norte e nordeste, onde imperava a monocultura da cana-de-açúcar, a vida social centrada nos engenhos e o sistema patriarcal, inexisteriam tais instituições.

A mulher começa a ter acesso à instrução primária com a Constituição de 1823, sendo que tinha um currículo diferenciado ao das escolas para os homens. Bastava para a mulher aprender "*a ler, escrever, as quatro operações de aritmética e também as prendas que servem à economia doméstica*" (Demartini, 1993, p.6).

Em 1830, se cogita a criação das Escolas Normais, mas estas serão destinadas inicialmente aos elementos do sexo masculino, tendo uma existência efêmera.

O lugar da mulher era no lar, onde aprendia com a mãe a ser boa esposa e dona de casa. Somente nos fins do século XIX, a Escola Normal passa a ser vista pela mulher como uma oportunidade de continuar os estudos, atraindo moças de famílias abastadas que procuravam apenas elevar o grau de educação escolarizada.

Durante muito tempo, o curso é dado em escolas diferentes para cada sexo, enquanto, em outro momento, para ambos os sexos. Muitas famílias não permitiam que suas jovens frequentassem a escola pública, mesmo que esta apresentasse um sistema de vigilância e controle exercido pelos bedéis e diretores, reflexo da Pedagogia tradicional, que defendia a disciplina como fator importante para a ocorrência da aprendizagem.

Diante das condições precárias de funcionamento das escolas públicas e do número reduzido destas, começaram a se expandir, no Brasil e em Sergipe, especialmente a partir de 1900, os colégios particulares. Muitos funcionavam em regime de internato e eram destinados à clientela masculina.

É neste cenário que surge o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em Aracaju, pelas Religiosas Irmãs Sacramentinas, que aqui se instalam a partir de 1904. Funcionando também no regime de internato atraía jovens das mais diversas regiões interioranas do Estado, sendo extinto em 1973.

O presente estudo resgata a criação e os objetivos, as diretrizes norteadoras de funcionamento e as práticas cotidianas que se concretizavam no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, um dos principais redutos da Educação da elite feminina em Sergipe.

## Colocação do problema

No século passado, a idéia prevalecente era que a mulher pertencia somente ao âmbito privado, ao doméstico, não pertencia ao âmbito público. Sua atuação era restrita ao ambiente doméstico, sem participação na vida social, enfrentando, com o passar do tempo, várias lutas para conquista de seus direitos. No início, a aprendizagem da leitura e da escrita era suficiente, havendo estabelecimentos e currículos diferenciados para homens e mulheres. Essa educação diferenciada decorria dos papéis definidos para cada sexo e dos preceitos católicos, muito influentes na sociedade brasileira.

Almeida (2000) esclarece que "*o repúdio à co-educação dos sexos tinha cunho moral e religioso, despertando entre os segmentos conservadores um antagonismo que era usado como arma para combater as escolas estrangeiras de orientação protestantes*" (p. 132), as quais viam a mulher como a mais indicada para educar e instruir, de acordo com os ditames da fé e da moral.

Para evitar a influência das idéias protestantes, que vinham surgindo e ganhando terreno no Brasil e em Sergipe (Vilas-Bóas, 2000), bem como contribuir para a formação dos jovens das classes dominantes, a igreja católica procurava, via ensino, moldar consciências e retornar o poder. Contrária às escolas mistas, várias ordens religiosas vão criando colégios, muitos dos quais funcionando como internato, onde, além de instruir, tinham oportunidade de exercer uma influência maior sobre o caráter do educando.

Reich em seu livro "Análise do Caráter" coloca que a família é o primeiro e mais importante foco de reprodução da ordem social. Através da influência familiar e, depois da escolar, a sociedade dita, conforme seus interesses econômicos e sociais, as primeiras limitações dos instintos das pessoas que determinarão a sua estrutura de caráter.

A força do caráter se dá, então, através de mudanças no ego, que Reich chama de "encouraçamento", que se estrutura "*como resultado crônico do choque entre as exigências do instinto e um mundo exterior que frustra essas exigências*" (Reich, 1989, p.150). Assim, quando o ego entra em choque com o mundo exterior, criando frustrações, o aparelho psíquico ergue uma barreira entre si e o mundo exterior. Desse modo, ele se apresenta como um mecanismo de defesa dos indivíduos, ou seja, uma forma de defender o ego dos perigos internos e externos. Porém, quando ele se torna crônico, quando vira um encouraçamento, acaba sendo um impedimento à mobilidade da pessoa, à possibilidade dela se abrir ou se fechar para o mundo externo. O indivíduo, com medo de sofrer reprimendas dos pais e dos professores, acaba obedecendo às normas e regras impostas, sem apresentar comportamentos de resistência. Isto vai contribuindo para a inibição dos seus instintos, a modelagem de formas de agir e adoção de uma atitude de submissão.

Para entender como o poder era exercido para controle da mulher no cotidiano do colégio e formação de um determinado tipo de caráter, as contribuições de Foucault (1987) são de grande relevância. Esse autor descreve o nascimento dos dispositivos disciplinares utilizados pelas instituições da sociedade (exército, escolas, além de outras) para punir os indivíduos que cometem infrações ou transgridem as normas. Até o século XVII e meados do século XVIII, o corpo físico era o principal alvo do castigo, da punição, sendo que, com o desenvolvimento da sociedade, o emprego de punições mais sutis, afetando "a alma" (a personalidade) do indivíduo, passam a ser utilizados. Surgem, assim, vários mecanismos de poder, com o intuito de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, gestos e atitudes.

Segundo Foucault, o poder não é um privilégio do Estado, mas é exercido em várias instituições escolares, conventos, que não são controlados pelo poder estatal, mas chegam a ser úteis ao próprio Estado, auxiliando-o na sua ação e na sua sustentação. Nestas instituições, o poder é exercido por várias pessoas, em várias instâncias que mantêm relações de hierarquia com os outros.

No caso da educação feminina, naquele contexto histórico, o objetivo seria adestrar e obter a submissão da mulher, inculcando seu papel na função de preservação da espécie, ligada às amarras da maternidade, num fazer considerado repetitivo e sem criatividade, vendo a mulher sempre como inferior ao homem.

Para conseguir tais intentos utiliza-se todo um disciplinamento, controlando o indivíduo através dos gestos e movimentos do corpo. Há uma codificação do tempo em termos de atividades e do espaço a fim de se exercer o controle sobre o indivíduo. No caso deste colégio, como se distribuíam as atividades das alunas no transcórre do tempo? Quais os espaços que poderiam ocupar e os quais não podiam freqüentar? Como era o sistema de controle exercido pelas freiras - brando ou rígido? Como elas exerciam esta vigilância? Que punições eram utilizadas, caso as alunas infringissem as normas estabelecidas? Eram de ordem física ou moral?

### Objetivos

Baseando-se nessas colocações, centramos nosso estudo no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, objetivando: 1) Caracterizar os objetivos e princípios morais e pedagógicos defendidos pela Ordem das Sacramentinas, para a tarefa educativa; 2) Analisar os motivos influentes na escolha do Colégio Nossa Senhora de Lourdes para a educação da mulher, por parte dos pais, e, 3) Analisar o funcionamento e a prática pedagógica visando à formação feminina no cotidiano do colégio.

## Metodologia

Para a realização desta investigação de natureza histórica recorreu-se aos estudos desenvolvidos pelo Grupo dos Annales, no sentido em que trabalha com o cotidiano de um colégio religioso voltado para a formação da mulher proveniente das famílias mais abastadas. Recorremos à consulta dos documentos arquivados no Setor de Inspeção Escolar da Secretária Estadual de Educação e a realização de entrevistas semi-estruturadas, a fim de obter depoimentos das religiosas dessa Ordem, ex-alunas e ex-professoras atuantes do período de 1940 a 1970.

## Apresentação e discussão dos resultados

### . O surgimento da Congregação das Sacramentinas e sua implantação em Sergipe

A Congregação das Sacramentinas foi fundada por Pierre Vigne, nascido em Privas, em 1670. Convertido ao catolicismo por um prodígio eucarístico, esse padre fundou, em 1715, a família religiosa do Santíssimo Sacramento, que tinha como princípios de vida “*a caridade, a vida oculta, o silêncio, a oração: tudo o que pudessem ajudá-las a se constituírem missionárias fervorosas, como seu fundador, a serviço da Igreja e de seus irmãos*” (Menezes, 1977, p.19).

Seu fundador morre em 1740, mas a Congregação vai ganhando novas adeptas e se expande por alguns países da Europa, tendo como padroeira Nossa Senhora de Lourdes.

Com a Revolução Francesa, sofre processo de expulsão e desapropriação de seus bens na França, sendo que as Irmãs Sacramentinas se dispersam. Em 1902, a Superiora Geral, Emerenciana Vigne, em Roma, encontra um religioso, amigo do arcebispo da Bahia, que a convida para dirigir um orfanato em Feira de Santana, no interior da Bahia. Madre Emerenciana aceitou o desafio e escolheu um grupo de cinco irmãs, sob a coordenação da Irmã S. Félix Baudet, para iniciar esse trabalho. Em abril de 1903, as irmãs chegam a Salvador, logo se dirigindo para Feira de Santana. O trabalho vai se expandindo e novas irmãs vão chegando, se dedicando à direção de hospitais e asilos, sendo que o primeiro Colégio é fundado na cidade de Santo Amaro (Bahia), em 1903.

As irmãs também recebem convite do governador de Alagoas que expõe à Irmã S. Félix a necessidade de fundação de um colégio com pensionato para a elite estudantil. Retornando a Salvador, essa irmã passa em Aracaju (1904), onde também é convidada a contribuir na fundação de um colégio. É instalada uma escola, sendo que as freiras ganham do governo do Estado, Dr. Maurício Gracco Cardoso, um terreno e apoio para construção de um colégio, o qual começa a funcionar em 1925. Era um prédio imponente para a época, com várias salas e janelas amplas, que favoreciam a iluminação natural e um arejamento do ambiente, o que muito o diferenciavam das escolas existentes (foto 1). Em seu planejamento constata a aplicação dos saberes científicos, notadamente da medicina, e dentro dessa, da higiene, preceitos muito presentes no discurso acadêmico do início do século.

Esse colégio ofertava o curso primário e ginásial, passando depois a oferecer o Curso Normal e Científico.



FIGURA 1 - Fachada da Capela e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Aracaju, década de 1940.

## . Objetivos e organização do colégio

O regimento escolar aponta uma preocupação em definir as finalidades do colégio, adequando-o à legislação em vigor e aos preceitos da Congregação e da Religião Católica. Estabelece que “*o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com sede em Aracaju, fundado e mantido pela Congregação do Santíssimo Sacramento, com sede em Valence, França, funciona por Decreto Federal e com inspeção permanente, tem por objetivo a educação da juventude, ministrando o ensino dentro dos planos, leis e normas estabelecidas pela legislação em vigor, além de uma esmerada educação religiosa, moral e cívica*”.

A análise dos regimentos aprovados em 1952 e 1966 aponta modificações na organização administrativa e pedagógica do colégio, diante da abrangência das ações assumidas e a heterogeneidade do corpo docente, com a admissão de professores alheios à Congregação. Formas de controle e proibições são definidas para nortear a atuação docente e discente, não se atendo à melhoria dos aspectos pedagógicos, mas à conservação dos dogmas ultramontanos, em nome da moral cristã, bem como atender aos interesses da elite.

O ensino pautava-se nos moldes tradicionais, sendo a exposição, a argüição e a prova os principais procedimentos. As aulas tinham a duração de 50 minutos. O dia letivo iniciava às 7h30, encerrando-se às 12 horas, sendo que a semana era composta de seis dias, iniciando-se na segunda-feira e prolongando-se até o dia de sábado. O período matutino era ocupado com aulas para desenvolvimento das disciplinas previstas na grade curricular do curso; no período vespertino, as alunas internas se ocupavam das disciplinas Educação Física, Trabalhos Manuais, das atividades de banca como reforço de aprendizagem. O turno vespertino também era reservado para o horário das visitas. Os familiares, quando vinham do interior, só podiam fazer visitas nesse período, para não atrapalhar as atividades didáticas.

As disciplinas Educação Física e Trabalhos Manuais eram ofertadas no turno vespertino e seu pagamento não estava incluído nas taxas bimensais.

O ensino de Trabalhos Manuais destinava-se a preparar a mulher para suas tarefas de mãe e esposa, capacitando-a para fazer seu enxoval e ser uma mulher “prendada”.

*“A parte artística era muito valorizada. Na parte de Trabalhos Manuais a gente aprendia vários tipos de bordados e noções de higiene. Outro aspecto levado muito a sério era a Educação Física, para preparar a mulher como um ser forte, ágil...”* (Maria Aldeci)

Essas atividades (bordados) também desenvolviam a paciência e a criatividade da mulher, requisitos importantes para o perfil de mulher da época, passiva e dócil.

Muitas alunas ingressaram no Curso Primário, depois freqüentavam o Ginásial, continuando o Curso Normal ou Científico.

A opção pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes era uma decisão que cabia ao pai, por ser um colégio de cunho religioso e manter um controle sobre a mulher, que se coadunava como o mantido no âmbito doméstico, conforme se verificou nos depoimentos das alunas e freiras.

## . A vida cotidiana no colégio

A vida no internato seguia uma rotina que começava cedo, sendo que as alunas eram punidas caso não respeitassem os horários. Essas tinham horário para se levantar, tendo de arrumar as camas, supervisionadas pela Irmã responsável, tomar banho, se vestir, assistir missa, tomar café, para depois assistir às aulas, o que exigia uma seqüência de comportamentos definidos, a fim de evitar tumultos, já que o número de sanitários era reduzido para a quantidade de alunas.

Outro aspecto é que qualquer problema que afligisse a aluna tinha de ser comunicado à Irmã responsável, caso contrário, seria considerado como um comportamento negativo, implicando na avaliação de desempenho e em castigos.

O fato de pedir permissão, sempre que precisasse romper com a disciplina estabelecida, às vezes era desagradável, pois fazia a aluna se sentir dependente e sem liberdade para agir.

Segundo Foucault (1987), isto contribuía para a fragilidade e disciplinamento do indivíduo, para a formação de uma personalidade submissa à ordem, que tem de se enquadrar ao sistema. Caso contrário, sofreria castigos e punições.



Além de se comportar e agir de acordo com as estipulações de tempo e espaço, as alunas, tanto internas como externas, tinham de usar farda. Essa farda era estipulada pelo Colégio, sendo que variava de acordo com as circunstâncias e atividades. Mesmo nas atividades físicas, as moças tinham de usar saia, a fim de não exibir o corpo, pois ia contra os costumes e valores propagados pela Congregação. Também era proibido o uso de batom ou roupas colantes ao corpo, *“brinco ou qualquer laço de fita que chamasse a atenção”*. (M. Lourdes)

As alunas achavam a farda do Colégio muito bonita e se orgulhavam de seu uso, pois constituía uma forma de identificação como aluna do Colégio, símbolo de "status". O uso da farda pelas instituições é como uma forma de padronização do indivíduo (Foucault, 1987), como também uma forma da aluna se despojar de seus bens e substituí-los por objetos definidos pelo estabelecimento, passando a assumir nova imagem.

Para quebrar a rotina do colégio, dar evasão aos seus sentimentos e tornar a vida cotidiana mais agradável, as alunas internas, principalmente, desenvolviam várias brincadeiras durante a noite nos dormitórios. Também mantinham um bom relacionamento com as externas, compartilhando de seus problemas, sendo que estas acabavam assumindo o papel de “correio”. As alunas externas levavam bilhetes dos namorados das alunas internas, burlando o controle mantido pelas Irmãs.

As alunas integrantes do colégio Nossa Senhora de Lourdes participavam de várias festividades realizadas, tanto interna como externamente. Algumas eram proibidas para jovens, em determinada época, como as quermesses beneficentes, sendo que depois as freiras começaram a liberar para as moças que freqüentavam os cursos normal e científico.

Entre as festas realizadas no recinto do colégio, destacam-se as missas festivas de primeira comunhão, as novenas nos meses de maio e junho, as quermesses, sendo que as alunas aguardavam estas com muita ansiedade, pois constituía momentos de contato com os familiares e casos de flerte.

Uma atividade de prestígio, na opinião das alunas, era integrar o coral, pois trazia vários privilégios, tanto em termos do controle como pelas oportunidades de sair do colégio.

*“As meninas do coral tinham certas regalias, podendo chegar atrasadas nas aulas quando dos ensaios, se livrar das argüições, ir cantar em outros locais... Nas missas, o coral ficava em um lugar privilegiado, no fundo da igreja e no pavimento superior, o que favorecia das moças verem seus namorados lá de cima. Mesmo com o grande controle das irmãs, algumas moças lançavam mão de artifícios deixando cair o tercinbo ou santinho pediam permissão a Irmã para descer para pegar o objeto, oportunidade esta em que ocorria a troca de bilhetes”*(Léa).

Quanto às festividades realizadas fora do estabelecimento, destaque é dado às festas religiosas, cívicas e esportivas. Essas festas ainda se mantêm vivas na memória das entrevistadas, pelos momentos de felicidade que proporcionavam e pelas oportunidades de quebrar o rígido controle mantido pelas freiras.

Contrapondo a atuação deste colégio dirigido pela Congregação das Sacramentinas, com o colégio Nossa Senhora das Mercês (Passos, 1995) vê-se grande diferença. As freiras responsáveis por este último, diante dos valores da ordem (religiosidade, modéstia, caridade, silêncio e obediência) que professavam, não promoviam atividades teatrais nem participavam de cerimônias cívicas ou religiosas (desfiles, procissões) onde se expusessem ou impressionassem o público. Já a Ordem das Sacramentinas tinha ou ensinava vivências para que a mulher participasse da vida social, detendo-se na observância de certas atitudes e pudor, não isolando a mulher do contexto social.

Os depoimentos revelam que as freiras se preocupavam em promover ou participar de atividades que favorecessem a participação da mulher na vida social e religiosa, usando de vários recursos, como a observação e a comunhão, para controle e imposição dos dogmas referentes à moral cristã.

A educação esmerada e o prestígio do colégio contribuíram para que muitas de suas alunas contraíssem matrimônio com jovens de famílias “tradicionais”, reforçando os laços de prestígio social e poder de suas famílias ou ocupassem cargos públicos de destaque, enquanto outras ingressassem nos cursos superiores que surgiam em Sergipe, integrando depois o quadro docente dessas instituições, pouco se voltando para o cumprimento de sua função - exercício do magistério primário.

### Práticas pedagógicas e avaliativas

O trabalho pedagógico desenvolvido nesse colégio pautava-se nas práticas pedagógicas tradicionais, em que se destacava a exposição e a atitude receptiva do aluno ante a autoridade do professor. Tais ações consubstanciavam-se na repetição e na recapitulação dos exercícios. No depoimento de Aldeci têm-se que “o professor de ciências era um excelente profissional. Quando entrava na sala de sala, a gente tinha de ficar em pé como sinal de respeito. As aulas eram expositivas, onde a participação maior era a do professor”.

Esse tipo de prática, ao não estimular a capacidade de questionamento e a iniciativa por parte da aluna, influía na formação do seu caráter, inibindo seus desejos e ensejando uma atitude de submissão.

A prática avaliativa se concretizava através dos testes e argüições, com a finalidade de verificar o desempenho da aluna bem como mantê-la sob controle. “Quanto à avaliação, eram as tradicionais provas escritas e orais... Em Latim e Inglês as argüições eram freqüentes, como uma forma de ver se você dominava e estava em dia com o assunto” (Maria de Lourdes).

Além de avaliar a aluna em termos de desempenho, também se atribuía notas à ordem, comportamento e boas maneiras. Em termos de ordem, “a gente tinha de trazer o caderno limpo e organizado, a roupa limpa, a carteira com os livros e material organizado” (Lea). Em relação ao comportamento, as alunas tinham de observar e acatar as normas do Colégio; boas maneiras consistiam na forma de relacionamento e situação das alunas com as colegas e irmãs.

À aluna que ferisse as normas de boas maneiras, penalidades eram atribuídas de acordo com a natureza dessa. O castigo mais forte era a impossibilidade de sair para visitar os familiares nos finais de semana dedicados ao lazer.

Como se vê, a prática pedagógica e avaliativa exercida nesse colégio contribuiu para uma aprendizagem mecânica, baseada mais na memorização e para formação do caráter das alunas, atendendo aos preceitos da Congregação como também aos interesses das classes dominantes que lhe confiavam a educação da mulher.

### Conclusão

Esse estudo sobre a atuação do Colégio, mantido pela Congregação das Sacramentinas, revela a influencia que a Igreja Católica procurava exercer, por via do ensino, para moldar consciências e retomar o poder, trabalhando, principalmente, com as classes dominantes.

Em Aracaju, o colégio oferece desde o Curso pré-primário até o Curso Normal e Científico, sob o regime de internato e externato. Visava à educação da mulher, tendo como princípios de vida “a caridade, a vida oculta, o silêncio, a oração”, tudo o que pudessem ajudá-las a se constituírem devotas fervorosas a serviço da Igreja e de seus irmãos.

Analisando o cotidiano e as práticas educativas que se concretizavam no colégio tem-se que as alunas eram submetidas a um sistema de controle, com espaços e horários delimitados, sendo que as práticas pedagógica e avaliativa, de natureza tradicional, visavam à formação de jovens submissas, cultas e com boas maneiras. O controle, além de disciplinar o corpo, também atingia a mente e a alma. Visava controlar os impulsos, os risos, enfim, os sentimentos e as emoções.

A ênfase no ensino de religião contribuía para veicular as normas e dogmas da religião católica e a formação de uma mulher dócil, meiga e dedicada para cumprir suas funções de mãe e de esposa, de acordo com o perfil que a sociedade daquela época mantinha em relação ao sexo feminino.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares (2000). As propostas acerca da coeducação dos sexos nos finais do século XIX: ambigüidades de ordem moral e religiosa. IN: *Programas e Resumos de trabalhos do I congresso Brasileiro de História da Educação*. Rio de Janeiro.

DEMARTINI, Zélia de Brito F.; ANTUNES, Fátima Ferreira(1993). Magistério Primário: profissão feminina carreira masculina. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 86, p. 5-14, agosto.

- FOUCAULT, Michael (1987). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- LE GOFF, Jacques e outros (1988). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MENEZES, J. M. V. (1977). *Sacramentinas no Brasil. 1903-1978*. Salvador(BA).
- NOVAIS, Maria Eliana (1984). *Professora primária: mestra ou tia*. São Paulo: Cortez.
- NUNES, Maria Thetis (1984). *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terras, SEEC/UFS.
- PASSOS, Elizete Silva (1995). *A Educação das Virgens- um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula.
- REICH, Wilhelm (1989). *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda (2000). Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane M. Teixeira (org). *500 Anos de Educação*. Belo Horizonte: A. Autêntica.
- VILAS-BÓAS, Ester Fraga (2000). *Origens da educação protestante em Sergipe: 1884-1913*. Aracaju: Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS.

*Recebido em Abril de 2004  
Aprovado em Junho de 2004*